



P E N G U I N



C L Á S S I C O S

CAMILO CASTELO BRANCO

MARIA MOISÉS



CAMILO FERREIRA BOTELHO CASTELO BRANCO nasceu em 1825, em Lisboa. Aos dois anos ficou órfão de mãe e, sete anos depois, morreu-lhe o pai. Educado por uma tia paterna em Vila Real, casou aos 16 com Joaquina Pereira, enviuvando poucos anos depois. Inscreveu-se em Medicina, em 1844, mas abandonou o curso pouco depois para se dedicar à escrita e ao jornalismo, atividades que abraçou com a paixão e intensidade que depositou em todos os domínios da sua vida. Em 1851 publicou *Anátoma*, o seu primeiro romance, e, ao mesmo tempo que consolidava o seu nome no jornalismo nacional, escreveu vários outros romances e envolveu-se em inúmeras polémicas. No ano em que publicou *Onde Está a Felicidade?*, 1856, iniciou o relacionamento com Ana Plácido, à altura casada, pelo qual haveriam ambos de cumprir pena no cárcere por adultério. Em 1858, foi eleito sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa e, em 1864, mudou-se para a hoje famosa quinta de São Miguel de Seide, onde escreveria as suas obras-primas. O génio literário de Camilo, bem como o ritmo a que escrevia, dificilmente tem paralelo na história da literatura portuguesa. Entre 1861 e 1882, dá ao prelo alguns dos romances e novelas mais marcantes da literatura portuguesa: *O Romance dum Homem Rico* em 1861, *Amor de Perdição* em 1862; *A Queda dum Anjo* em 1865, *Novelas do Minho* entre 1875 e 1877, *Eusébio Macário* em 1879 e *A Brasileira de Prazins* em 1882.

Escritor profissional, porventura o primeiro na História de Portugal a viver da escrita, sofreu um golpe do destino particularmente cruel quando os problemas de visão de que padecia se agravaram, cegando-o. A 1 de junho de 1890, num ato de desespero, suicidou-se, com um tiro de revólver, o expoente máximo do romantismo em Portugal. De rara versatilidade e extrema sensibilidade, a obra de Camilo, que se estende do romance à novela, do teatro à poesia, das cartas à crónica, da crítica à tradução, marcaria toda a literatura que se produziria daí para a frente pela sua fina ironia e sarcasmo, fruto de uma capacidade de observação ímpar e de um espírito crítico implacável, bem como pelo seu absoluto domínio da língua portuguesa, que moldava de forma espontânea e inventiva para criar alguns dos enredos mais apaixonantes e sublimes que ainda hoje lemos. Um autor essencial da literatura em língua portuguesa.

O manuscrito de *Amor de Perdição*, que Camilo escreveu em poucas semanas na Cadeia da Relação do Porto, encontra-se hoje no Rio de Janeiro, na biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura. Foi lá que IVO CASTRO o estudou para, em confronto com as sucessivas edições do romance, preparar uma edição crítica, em que restabeleceu o texto da obra conforme a última versão do autor, a quinta, e descreveu os seus processos de criação literária. Foi essa edição crítica que deu origem, por intermédio de outras, à presente edição. A produção de edições críticas que restabelecem o texto em formas próximas do que o escritor realmente escreveu, ao mesmo tempo que recuperam vestígios da língua da época e, noutro plano, reconstituem os seus métodos criativos, constitui uma das principais atividades de Ivo Castro, que coordena a publicação das edições críticas de Camilo Castelo Branco e Fernando Pessoa na Imprensa Nacional. Além disso, é professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde ensina Crítica Textual e História da Língua Portuguesa.

CARLOTA PIMENTA é professora na Universidade Católica Portuguesa e investigadora do Grupo de Filologia do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Doutorada em Crítica Textual pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma tese sobre o processo de escrita de Novelas do Minho, é investigadora da Cátedra Camilo Castelo Branco, desenvolvendo um projeto de edição da correspondência camiliana. Membro do projeto «Edição crítica e genética das obras de Camilo Castelo Branco» do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, é coautora das edições críticas de Novelas do Minho e Carlota Ângela, publicadas pela Imprensa Nacional.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	vii
MARIA MOISÉS	1
A Tomás Ribeiro	3
Primeira Parte	5
Segunda Parte	65
NOTAS	131

INTRODUÇÃO

Maria Moisés é provavelmente a mais conhecida das oito *Novelas do Minho*, que Camilo Castelo Branco (1825-1890) escreveu e publicou entre 1875 e 1877. A publicação, a cargo do editor Matos Moreira (1845-1899), foi feita em doze fascículos mensais, saídos irregularmente pela seguinte ordem: I — *Gracejos Que Matam* (1875), II — *O Comendador* (1876), III — *O Cego de Landim* (1876), IV — *A Morgada de Romariz* (1876), V e VI — *O Filho Natural* (1876), VII e VIII — *Maria Moisés* (1876 e 1877), IX — *O Degredado* (1877) e X, XI e XII — *A Viúva do Enforcado* (1877).¹

No contexto da produção literária camiliana, os anos de redação de *Novelas do Minho* correspondem à fase de maturidade intelectual do escritor. Camilo Castelo Branco, então com cinquenta anos de vida, era um escritor reconhecido, com mais de uma centena de obras publicadas até então. Escreveu *Novelas do Minho* a troco de pagamentos acordados com o editor, sendo a escrita, nesse período, o seu único meio de subsistência. Apesar da acentuada debilidade física do romancista, que condicionava naturalmente os seus processos criativos, menos fluídos do que os da década anterior, os anos 70 continuavam a revelar-se literariamente muito produtivos.

Entre 1873 e 1877, Camilo Castelo Branco publicou ainda com o editor Matos Moreira oito títulos além de *Novelas do Minho*: *O Demónio do Ouro* (1873-1874), *O Regicida* (1874), *A Filha do Regicida* (1875), *A Caveira da Mártir* (1875-1876), o segundo volume do *Curso de Literatura Portuguesa* (1876) e também a tradução e o prefácio de *História de Gabriel Malagrida* (1875) e os prefácios de *Pio IX* e *A Vida Futura* (1877).

Com exceção da novela *O Comendador*, redigida em Coimbra, onde Camilo residiu no período letivo de 1875-1876 para acompanhar o estudo dos seus filhos, as restantes *Novelas do Minho* foram escritas em São Miguel de Seide, Vila Nova de Famalicão, onde o escritor permaneceu com regularidade desde 1863 até à morte.

O cenário minhoto, em que Camilo estava imerso há uma década, tê-lo-á inspirado a retratar as gentes e os costumes da região, «o miolo, a medula, as entranhas românticas do Minho», «os costumes, o viver que por aqui palpita».² O romancista de Seide apresenta, assim, nas suas novelas, não uma visão idealizada da vida minhota, mas uma visão humana das pessoas e lugares do Minho, baseado na íntima familiaridade que tinha com a terra e as suas gentes, retratando a degradação dos costumes a que assistia no Minho do seu tempo.

A ação de *Maria Moisés* decorre de 1812, ano do namoro de Josefa de Santo Aleixo e António de Queiroz e Menezes, a 1850, ano do regresso

de António a Ribeira de Pena, sendo várias as referências históricas que constituem, pela voz do narrador ou das personagens, o pano de fundo da novela. Sobressaem as referências à Revolução Francesa (veja-se a participação do moleiro Luís na guerra do Rossilhão e a opinião do padre Bento Fernandes sobre a «carniceira» da revolução), às ideias jacobinas (através das interjeições de Brites do Eiró e das reflexões de Teotónio de Valadares sobre o «advento monstruoso» destas ideias) e às invasões napoleónicas (menção ao facto de João da Laje ter matado dois franceses). Já num momento posterior da ação, alude-se ao período da Revolução Liberal e do início da Monarquia Constitucional em Portugal (referência à sucessão de revoluções e aos partidos dos cabralistas, patuleias e saldanhistas, no diálogo entre o reitor Bento Fernandes e António de Queiroz) e à luta entre liberais e absolutistas (através das preferências políticas do cônego João Correia Botelho e do reitor Bento Fernandes, respetivamente).

A novela está dividida em duas partes, correspondentes a duas intrigas intimamente relacionadas: a primeira conta a narrativa trágica de Josefa de Santo Aleixo, que, consumando o seu amor-paixão com António de Queiroz, morre ao fugir de casa ao encontro do amante, acabando por deixar uma filha recém-nascida ao abandono; e a segunda narra a intriga exemplar de Maria Moisés, filha dos amantes, que, tendo sido criada por uma família de fidalgos, se torna benfeitora ao acolher e cuidar de enjeitados como ela.

Esta estrutura bipartida põe, assim, em contraste dois trajetos antagónicos: por um lado, o amor-paixão ou o «amor selvagem» de Josefa e António, marcado pelo egoísmo e fechamento do instinto animal, que, conjugado com a intolerância das suas famílias e da sociedade, conduz à morte, constituindo-se, por isso, um amor de perdição; por outro lado, o amor-caridade de Maria Moisés, que, concretizando-se na opção por uma vida casta e generosa, aberta ao acolhimento de enjeitados, gera vida e redime o pecado

dos seus pais, revelando-se, assim, um amor de salvação.³

Josefa e Maria Moisés são, portanto, duas personagens contrastantes: a primeira, a mulher apaixonada e desonrada que morre sem confissão, comparada a uma «cabra perdida» e confundida com uma «alma penada», motivos que acentuam a sua perdição e adensam o clima de mistério da primeira parte da novela; a segunda, a mulher solteira e casta, comparada a um «anjo», apelidada de «santa Moisés» e «mãe dos pobres», descrição enquadrada no ambiente de cariz cristão da segunda parte.

Esta oposição entre as protagonistas das duas narrativas é reforçada pela expressividade do nome das personagens. A crítica tem posto em evidência o nome de Maria Moisés, duplamente simbólico: de origem bíblica, refere não só as circunstâncias do seu resgate mas também a vocação de salvadora do «seu povo», os enjeitados, e da sua família, reparando o pecado dos pais.

Se o nome de Maria Moisés é símbolo de salvação, o nome de Josefa é, por oposição, símbolo

de perdição. Este nome apresenta dois apelidos ao longo da obra: «de Santo Aleixo», relativo ao lugar onde a personagem vive, e «da Laje», o apelido da sua família. Embora o primeiro seja mais frequente, Josefa é apelidada «da Laje» em três momentos: quando conhece o seu amante, quando se dá a notícia da sua gravidez e quando se refere o seu afogamento na noite do encontro de Maria Moisés — três referências que podem ser lidas como uma síntese do seu percurso de perdição.

No que respeita à expressividade do apelido «Laje», repare-se como, além da sua associação à sepultura, este apelido herdado dos pais evoca também, metaforicamente, a rigidez e inflexibilidade dos progenitores, presos aos preconceitos de casta e de honra que os levam a ameaçar duramente a filha.

Num contexto carregado de agouros e presságios, a maldição da mãe é prenúncio dos eventos futuros: «Morta te veja eu antes de à noite!» Ao descobrir a filha grávida, a expressão «Ai! que eu indoideço!» e a sua corrida para o palheiro podem ser vistos como prenúncio da loucura e fuga

de Maria da Laje para «o lado da serra» e, depois, para casa dos irmãos após a morte da filha. Já João da Laje, perante o desaparecimento de uma cabra, ao ordenar ao pegureiro «vai em cata dela», sob ameaça de violência («se a não trouxeres, não me apareças mais, que te arranco os fígados pela boca»), parece prenunciar a perda da própria filha. O verbo «perder» é, aliás, muito significativo no discurso da mãe («Quem foi que te botou a perder? Respondes, mulher perdida?») e do pai («Perdeste, ladrão?»), acentuando a ideia de perdição da filha. Assim, Josefa é apelidada «da Laje» na medida em que são os pais — e os códigos da sociedade — que, em última análise, com a sua intransigência, a deixam sem saída e a precipitam para a sepultura (veja-se a referência ao «esquife» de Josefa «posto no lajedo da igreja»).

A saída possível para esta «dissolução dos costumes» será a do perdão, ou da caridade cristã, dada por Maria Moisés, de modo geral, aos enjeitados que acolhe e, de modo particular, à sua amiga Joaquina. A história de Joaquina, de traços

semelhantes à de Josefa, apresenta, porém, um desfecho diferente, constituindo-se, por isso, como a contrapartida moralizadora da primeira.

Grávida como Josefa, Joaquina encontra-se «perdida» na sequência da morte do noivo na romaria de São Bartolomeu (que fora também o lugar do exorcismo de Josefa) e perante a intransigência do pai, Francisco Bragadas, que, desconhecendo a sua gravidez, considerava as filhas — tal como Maria da Laje considerava Josefa — uma exceção à regra da «estragação dos costumes». Porém, ao contrário de Josefa, que se depara com a exigência severa da mãe, que a repudia, acabando por conduzir a filha à fuga e consequente morte, Joaquina encontra a discrição compreensiva de Maria Moisés, que a acolhe, adotando o filho da amiga como um dos seus enjeitados.

Apesar de opostas, as narrativas de Josefa e de Maria Moisés estão intimamente relacionadas, na medida em que são os eventos da primeira parte da novela que determinam a existência da segunda, sem a qual o sentido da primeira não estaria completo.

A segunda parte da obra inicia-se com o episódio do encontro de Maria Moisés por Francisco Bragadas, o qual se sucede cronologicamente ao momento em que o pastor Zé da Mónica, o moleiro Luís e o pescador Francisco Bragadas se separam após se terem cruzado, na primeira parte da novela. Enquanto o pastor e o moleiro das Poldras continuam em busca do animal perdido, acabando por se deparar com Josefa moribunda, o pescador segue «rio abaixo» e encontra simultaneamente o berço com a bebé órfã. Uma emenda feita por Camilo no manuscrito de *Maria Moisés*,⁴ hoje à guarda da Camiliana de Sintra, revela a preocupação do escritor em ligar esta segunda cena à primeira: trata-se da substituição de «o pescador» por «aquele pescador», que concretiza a identidade da personagem, associando-o à da cena anteriormente narrada.

O entrelaçamento das duas intrigas é ainda destacado de forma expressiva no passo que narra simultaneamente a morte da mãe e o batismo da filha:

Maria Moisés

A TOMÁS RIBEIRO

São passados dez anos depois que vieste aqui. Foi ontem; e a pedra onde gravei o teu nome está denegrida como a dos túmulos antigos. Debaixo dela estão dez anos da nossa vida. Jazem ali os homens que então éramos. Estou vendo Castilho encostado ao friso da coluna tosca; estou ouvindo os teus versos recitados em nome de meus filhos... Ah! é verdade... tu não os recitaste porque tinhas lágrimas na voz e no rosto. Que faria de ti a política, meu querido, meu poeta da pátria e da alma?

S. Miguel de Seide, novembro de 1876.

PRIMEIRA PARTE

O pequeno pegureiro contou as cabras à porta do curral; e, dando pela falta de uma, desatou a chorar com a maior boca e bulha que podia fazer. Era noite fechada. Tinha medo de voltar ao monte, porque se afirmava que a alma do defunto capitão-mor andava penando na Agra da Cruz, onde aparecera o cadáver de um estudante de Coimbra, muitos anos antes. O povo atribuíra aquela morte ao capitão-mor de Santo Aleixo de além-Tâmega, por vingança de ciúmes, e propalava que a alma do homicida, de fraldas brancas e roçagantes, infestava aquelas serras. O moleiro das Poldras contrariava a opinião pública, asseverando que a aventesma

não era alma, nem a tinha, porque era a égua branca do vigário. A maioria, porém, pôs em evidência o facto psicológico, divulgando que o moleiro era homem de maus costumes, tinha sido soldado na guerra do *Rossilhão*, não se desobrigava anualmente no rol da igreja, nem constava que tivesse matado algum francês.

Era por 1813, meado de agosto, quando o pastor chorava encolhido a um canto do curral, e pedia ao padre Santo António com muitas lágrimas que lhe deparasse a cabra perdida.

João da Laje, o amo, assomou à porta da corte, e bradou:

— Perdeste alguma rês?

O rapaz tartamudeou, tiritando de medo.

— Perdeste, ladrão? vai em cata dela, e, olha lá: se a não trouxeres, não me apareças mais, que te arranco os fígados pela boca.

E deu-lhe dois valentes pontapés à conta. Este João da Laje era homem de princípios menos maus, assentados em religião e pátria; havia matado dois franceses doentes nas ambulâncias retardadas,

e acreditava que o fantasma era a alma do capitão-mor e não a égua branca do vigário.

O rapazinho deitou a correr, e lá foi caminho da serra. Tendo de optar entre os malefícios da alma penada e a biqueira do tamanco do amo, preferia encontrar o defunto capitão-mor. Ainda assim, ia rezando alto quanto sabia da cartilha: os *Pecados mortais*, as *Obras de misericórdia*, os *Sacramentos da Santa Madre Igreja*, tudo. À saída da aldeia, recuou estarrecido. Vira um fantasma branco a destacar das trevas, e agachado na raiz de um castanheiro.

— Ó Zé da Mónica, és tu? — perguntou o suspeito fantasma.

— Sou eu, tia Brites — respondeu o rapaz suspirando ofegante — Credo! que medo você me fez!

— Tu onde vás a esta hora?

— Vou à cata de uma cabra. Você viu-a?

— Eu não. Olha lá, a tua ama Zefa também anda à procura da cabra?

— Àgora! A senhora Zefinha está doente há mais de mês e meio na cama.

— Isso sei eu; mas havia de jurar que a vi saltar agora o portelo da cortinha do rio! Se não era a Zefa, era o demo por ela!

O rapaz tornou a tolher-se de medo, e perguntou a meia voz:

— Seria a alma?

— Do sr. capitão-mor? Não me pareceu; que ela ia de saia escura, e levava um saioto pela cabeça.

Neste comenos, descia o moleiro do lado da serra pela barroca escura com dois jumentos carregados de foles, e vinha cantando:

Já fui canário do rei,
Lá lhe fugi da gaiola,
Agora sou pintassilgo
Destas meninas d' agora.

— Pra pintasilgo estás muito fanhoso, ó Luís!
— disse galhofando a Brites do Eirô.

— Ó lá, sua bruxa, que feitiços está você a fazer aí? — respondeu o veterano do 2.º regimento do Porto — Não me meta medo aos burros que eles

já estão estacados a olhar pra você. Deixe passar os parentes.

— Eu não sou da tua família, ouviste, jacobino?

— replicou a velha, e fazendo-lhe duas figas, acrescentou: — toma, que te dou eu, hereje!

— Ó tio Luís! — perguntou o pegureiro — vossemecê viu aí na Agra da Cruz uma cabra?

— Não a vi, rapaz, mas ouvi-a berrar lá para o rio. Mete aí pela cangosta do Estêvão, e vai pela beira do rio abaixo que a topas lá para a Várzea das Poldras ou na Ínsua.

— Está mesmo indo... — intreveio a tia Brites — Boa hora é esta para um rapazinho se meter à cangosta do Estêvão!

— Então que tem?

— Que tem?! Vai perguntá-lo à Zefa do João da Laje que ficou lá tolhida uma noite, e nunca mais teve saúde.

— Sim, sim, tia Brites; você lá sabe desses tolhiços, e eu também sei como as raparigas se tolfhem nas cangostas. Tens medo, rapaz?

— Tenho, sim, senhor.

— Espera aí que eu venho já.

E, tangendo os burros que espontavam o tojo dos valados, foi descarregá-los, encheu-lhes a mangedoura de erva, gargalçou da borracha uma vez de vinho, e voltou onde o esperava o pastor, a quem a tia Brites contava casos vários de almas penadas.

— Vamos lá, pequeno — disse o moleiro — Conheço bem o teu amo, e sei que ele à conta da cabra, se tiver meio quartilho de aguardente no bucho, é capaz de te quebrar os braços; por isso é que eu ta vou ajudar a procurar. De que tens tu medo, rapaz? É da alma do capitão-mor? Não sejas tolo. As almas boas dos que morrem são de Deus, não fazem mal a ninguém; e as más são do diabo, que as não larga das unhas.

— Arrenego-te eu! este homem está vestido e calçado no inferno! — murmurou a tia Brites, erguendo-se indignada, benzendo-se de ombro a ombro, e do alto da cabeça ao umbigo.

— Que está você a rosar, mulher! Que este rapazelho seja parvo, tem desculpa; mas você, com

mais de setenta anos na carcaça, já tinha tempo de ter juízo nesses cascos. Você já viu almas, ó criatura?

— A mim não me impeçam, graças a Deus! — respondeu Brites com desvanecimento — Elas bem sabem com quem se metem.

— Não se metem no seu corpo? Pudera... — redarguiu o veterano sempre risonho — Eu, se fosse alma penada, topando com você, desatava a fugir. A alma que se metesse nesse corpo devia sair suja como a ratazana dum cano.

— Vai-te, vai-te, jacobino; cruces, diabo, cruces! — exorcismou a tia Brites com dois dedos em cruz, e meteu-se em casa às arrecuas.

✱

— É o que te digo, rapaz. Deixa lá asneiar o povo. Olha se te guardas de alguma sacholada de teu amo, que das almas do outro mundo te livro eu.

O moleiro ia conversando com o pastor pela pedregosa cangosta do Estêvão. Apesar das palavras animadoras do veterano, o rapaz, ao passar

nos lanços mais escuros do pedregal, ia orando mentalmente fragmentos da Cartilha. Os vagalumes fosforeavam entre os silvedos, e às vezes um melro assustado batia as asas na ramagem das sebes. O pastor então maquinalmente agarrava-se ao braço do moleiro, que lhe metia a riso a covardia.

Ao fundo da viela, que desembocava no rio, havia dois portelos, um à direita para uma várzea de milho espigado com grande folhagem, outro à esquerda para um panascal que entestava com a corrente do Tâmega. Saía então do rio para a canga um grande vulto alvacento chofrando na água com pernadas longas e mesuradas. O rapaz expediu um ai rouco, e, agarrando-se aos suspensórios de couro do moleiro, gritou:

— Ó tio Luís, ó tio Luís!...

— Que é?

— Vossemecê não vê?

— Vejo, pedaço d'asno, vejo: é a alma do capitão-mor que anda a pescar bogas com chumbeira... Não vêes que é um homem em fralda? Abre esses olhos, bruto!

Era o caseiro da quinta de Santa Eulália, que vinha batendo com a chumbeira as angras do rio por onde o escalo costumava acardumar-se.

— És tu, ó Francisco Bragadas? — perguntou o moleiro.

— Sou.

— Ouviste por i berrar uma cabra?

— Há pedaço, berrava ali no bravio do Pimenta; mas já depois a ouvi lá pra baixo na Ínsua.

— O peixe cai? Dá cá duas bogas para eu cear.

— É má noite. O peixe meteu-se aos poços. Anda coisa má por aqui... Vou-me chegando a casa.

— Coisa má? Topaste algum avejão no rio? Olha que a alma do capitão-mor anda na serra; mas talvez viesse tomar banho, que a noite está quente.

— Homem — volveu o pescador escrupuloso — deixemo-nos de graçolas. Aí bem perto donde tu estás, para lá desses salgueiros, ouvi eu, quando passei pra riba, uma coisa que parecia uma criatura a chorar e a gemer.

— Isso era coruja ou sapo — replicou o moleiro com a intemerata certeza das ciências naturais

— Se tens medo, vou contigo; mas hás de repartir do peixe que levas... Lá está a cabra a berrar, ouves, rapaz?

— Já passou para além do rio — disse o da chumbeira — havia de ser pelo açude. Tendes que fazer. Adeus, Luís.

— Má raios partam a cabra! — praguejou o moleiro — Temos de ir passar às poldras. Olha que espiga! Eu antes queria pagar a rês a teu amo que ir agora além do rio!

Neste momento, ouviram gemidos, que pareciam pouco distantes, à beira do rio.

O pastor, com as mãos fechadas sobre a boca, e pondo-se de cócoras, disse:

— Ai Jesus!

— Aquilo é cousa! — observou o veterano com pachorrenta reflexão — Bem dizia o outro. Não é coruja nem sapo... Agora é!

— Então que é, tio Luís? — perguntou o rapaz com a rouquidão afónica do pavor.

— É uma mulher a chorar, tu não ouves? Vamos ver quem geme antes de mais nada.

Transpôs o moleiro de um pulo o valado, tossindo de maneira que significava coragem neste bravo do Roussilhão; mas que em outros bravos que tossem não tem sempre o mesmo significado. O pequeno seguia-o tão de perto que o trilhava nos calcanhares.

Seguiu bem rente a ourela do Tâmega; de vez em quando ouvia os gemidos, mas pareciam-lhe mais longe ao passo que mais se avizinhava, porque a voz ia esmorecendo em soluços abafados. Ao cabo do ervaçal adensava-se uma moita de álamos e salgueiros, e lá no interior o rio espraiava-se, formando lençol de água murmurosa, onde os pescadores colhiam com a chumbeira as bogas no tempo da desova. Ao chegarem ali, ouviram estas palavras:

— Quem me acode, que eu morro sem confissão!

— Ela é a senhora Zefinha! é a minha ama! Valha-me Deus! — exclamou o pastor; e com incrível ânimo rompeu a direito por entre a ramaria do salgueiral, e saltou, sem arregaçar-se, ao rio, que lhe

dava pelo joelho. O moleiro seguiu-o. Com meio corpo na água e os braços enroscados no esgalho de uma árvore, entreviram, mal distinto na escuridão cerrada pela ramagem, aquele vulto de mulher, que repetia as palavras:

— Quem me acode, que eu morro sem confissão!

— Ó senhora Zefinha! — disse o rapaz — é vossemecê? — e deitou-lhe os braços ao peito erguendo-a para si — Ó tio Luís, ajude-me que eu não posso!

— Eu cá estou — disse o moleiro, levantando-a a custo, porque ela tinha as mãos recurvas e os braços rijamente hirtos no tronco do salgueiro como se em ânsias de asfixia se houvesse agarrado nele.

— Isto que foi, Josefa? — perguntou Luís, tomando-a nos braços, e galgando a custo o valado que se esbarrondava cedendo aos pés vacilantes de Luís, molhados pela água que escorria dos vestidos.

A filha de João da Laje, estorcendo-se nos braços do moleiro, dizia com palavras soluçantes:

— Não me leve para casa, pelas almas benditas. Deixe-me deitar na terra, e vá chamar o sr. vigário para me absolver, que eu estou a expedir.

— Tem paciência, moça: aqui não te deixo, que estás toda ensopada em água, e tens a cara a arder... Tu caíste ao rio, Josefa? que vieste aqui fazer tão de noite?

— Jesus valei-me! Jesus acudi-me! Jesus salvai-me! — murmurava ela perdendo o alento, e tiritando em calefrios.

Luís, receiando que a convulsa rapariga lhe expirasse nos braços, atirou-a para o ombro direito, e apertou o passo por entre o ervaçal, dizendo ao rapaz que fosse adiante avisar o amo.

No momento em que transpunha o portelo, com o embaraço do peso e do estorvo que lhe fazia o vestido molhado, teve de colher as saias com a mão esquerda; e, neste lance, sentiu nas costas da mão um contacto de líquido quente com fartum enjoativo de sangue. Então pensou que ela estivesse ferida, e perguntou:

— Tu feriste-te, Josefa?

Ela não respondeu, nem gesticulou levemente. Os braços pendiam inertes ao longo das costas do moleiro, e a cabeça balançava maquinalmente conforme os movimentos variados que ele lhe dava ao corpo ajeitando-o para saltar a parede escadeada. Vencida a dificuldade, e conseguindo assentar o pé no trilho pedregoso, por onde viera, sentou-se esbofado no respaldo de uma fraga: e, como gelado do terror do cadáver que lhe parecia resfriar nos braços, tremia, descendo do ombro para o regaço a mulher que efetivamente estava morta.

Chamou-a, agitou-a, invocou as almas à míngua dos recursos humanos: e, encostando-a à ribanceira, enxugava com a rama de fetos secos o suor que lhe gotejava das faces ao peito.

Poucos minutos depois, João da Laje, o vigário, e outras pessoas atraídas pela curiosidade ou pela compaixão, desciam a cangosta do Estêvão com fachos de palha acesos. A Brites do Eirô, que os vira passar, ajuntou-se ao grupo dizendo que, ao toque das Trindades, tinha visto Josefa saltar para

o campo da Lagoa e meter para o lado do rio, com o saíoto pela cabeça.

Na extrema da viela encontraram o Luís moleiro sentado à beira de Josefa que, vista à luz dos archotes, parecia viva porque tinha os olhos abertos.

— Que é isso, rapariga? — perguntou o pai.

— Não lhe pergunte nada, João, que ela está com Deus — respondeu Luís.

O vigário, apalpando-lhe as mãos e o rosto, confirmou:

— Está coberta de suor frio. Que foi isto? ajuntou ele voltando-se para o João da Laje — você há de saber pouco mais ou menos porque esta boa rapariga se deitou a afogar!

— Eu não sei — respondeu o pai com a serenidade de um estranho narrador — Ela estava doente há mais de mês e meio; mandei chamar o boticário de Friume: ele receitou-lhe não sei que barzabum de xaropadas que a rapariga nem pra trás nem pra diante. Ora vai hoje ali pela sesta fui achar a minha Maria a chorar, mas nada me disse. Depois, fui regar um campo de milho, e quando

tornei a casa à noite, e perguntei por minha mulher, soube que ela estava ainda no palheiro. Fui-me onde a ela, perguntei-lhe o que tinha, e ela já me não respondeu, porque estava sem acordo: peguei nela e deitei-a na cama; e agora quando lá chegou o rapaz com a notícia, ia eu mandar chamar o barbeiro das Vendas Novas a ver se ma sangrava.

Nesta conjuntura, voltaram-se todos para um dos campos por onde vinha correndo a mãe da morta, chamando a filha a grandes brados.

Os archotes erguidos ao alto alargaram a penumbra e condensaram mais a treva por onde o vulto da mulher vinha crescendo com as mãos na cabeça. A Brites aconchegava-se do vigário a fim de, no caso de intervenção diabólica, se encostar à coluna da igreja. Luís meditava nas revelações do lavrador, e João esperava quieto, silencioso e estúpido, a chegada da mulher.

Ela saltou do campo à barroca por cima do tapume de espinheiros e silvas, foi direita à filha, deitou-se sobre ela a beijá-la, a sacudi-la, a chamá-la com gritos de louca, e ali perdeu os sentidos entre

os braços brutais do marido que se esforçaram por desprendê-la da morta.

✱

Vinte e quatro horas depois, o cadáver de Josefa de Santo Aleixo, a loura mocetona, desceu à cova, porque o fedor da podridão obrigara a alterar o estilo das quarenta e oito horas sobre terra. Maria da Laje, a mãe, diziam que dava em louca, porque não comia, nem bebia, nem chorava; e, durante a noite, fugira para o lado da serra. O pai da defunta, aborrecido dos interrogatórios impertinentes que lhe faziam os vizinhos e parentes àcerca das causas que levaram Josefa a matar-se, fechou-se na adega; e, nas securas da sua ardente aflição, é natural que bebesse.

O leitor urbano mal imagina como são estes pais e maridos rurais quando lhes morrem as filhas ou as mulheres. Os mais lúgubres, se estão seis horas no forçado jejum a que os obriga a funeral lareira apagada, começam a cair num sentimentalismo de burros com fome. Nunca vi uma lágrima

luzir nestas caras. Às vezes, morrem mães que deixam um grupo de crianças ali a chorar num canto da cozinha. Os viúvos olham para os pequeninos de través, e ralham-lhes brutalmente. A estupidez é mais valente que a morte. Se falta a luz que adelgaça e rompe a treva do homem bárbaro, à mistura com a velhacaria que a civilização lhe tem dado, o cérebro e o coração são umas empadas de massa inerte, umas substâncias granulosas ou fibrosas contidas em sacos membranosos. Não há nada mais bestial que o homem sem a alma que se faz na educação. A mulher já não é assim. A maternidade é uma ilustração que lhe dá a intuitiva inteligência do amor e das grandes tristezas. Essas, em toda a parte, a chorar, são mulheres; e, ainda na derradeira curva que atasca em lama a espiral da degradação, é-lhes concedido remirem-se pelas lágrimas. Estas reflexões não são todas minhas: quem fazia algumas era um escrivão do juiz de paz, que fora desanojar o João da Laje; e, posto a um canto do sobrado, conversava com um minorista da Póvoa, que assistira aos responsos.

«O leitor urbano mal imagina como são
estes pais e maridos rurais quando lhes
morrem as filhas ou as mulheres.»

Do fim trágico da história de amor entre Josefa da Laje e António de Queiroz que abre esta novela, nasce Maria Moisés, resgatada de uma cesta à deriva no rio Tâmega no mesmo dia em que a mãe é achada morta. Mas a violência do desfecho desta relação proibida no meio fechado e conservador do Minho do século XIX encontrará redenção na sua geração: a criança enjeitada, sem pai nem mãe, dedica a sua vida à salvação de outros que com ela partilharam a sorte do desamparo, contrariando assim um previsível destino literário de ruína moral.

No conflito entre perdição e salvação, entre amor e abandono, *Maria Moisés*, uma das oito Novelas do Minho que Camilo Castelo Branco publicou entre 1875 e 1877, é o retrato realista de um país que o autor nunca cessou de descrever em todas as suas dimensões.

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

Edição de Ivo Castro e Carlota Pimenta
Introdução de Carlota Pimenta



© Eduardo Nery / SPA, Lisboa,
2025

 penguinlivros.pt

  penguinlivros



Penguin
Random House
Grupo Editorial

ISBN: 978-989-589-046-0



9 789895 890460